

O VALE ENCANTADO

Por Felipe de Menezes¹

Assistimos ao espetáculo *O Vale Encantado* na tarde do dia 7 de setembro, na Arena do Parque da Cidade, dentro da programação do 37º Festivale. A peça, que existe desde 1995, portanto, prestes a completar três décadas de apresentações, é produzido pela Cia Cultural Bola de Meia, prata da casa. Cinquenta minutos de muito deleite para o público que compareceu, aos montes, na tradicional arena.

O Vale Encantado é um dos poucos espetáculos de teatro que formou gerações de espectadores. Sua longevidade tem muitas razões. Uma delas diz respeito ao tema e protagonista de toda a cena: o Rio Paraíba do Sul – símbolo maior de tantos municípios cortados por essas águas lendárias. E o Vale do Paraíba é um espaço geográfico e cultural banhado pelos movimentos desse rio. Outra razão por tanto tempo em cartaz é a resistência dos seus produtores: Bola de Meia não é apenas um grupo de teatro, mas uma instituição de grande reconhecimento no trabalho sociocultural de preservação e memória, de difusão da arte, de acolhimento aos mais vulneráveis, sobretudo, crianças e adolescentes. Bola de meia é uma reunião de pessoas (artistas, cientistas sociais, educadores etc) que tem como missão oportunizar o acesso à educação através da cultura. E, por fim, pela qualidade cênica do trabalho, que

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

aposta nos elementos narrativos como matriz de toda encenação – que, por sua vez, explora sons, músicas, cores, formas animadas e um bocado de outros recursos que, juntos, dão conta de uma excelente performance no geral. A armadilha, entretanto, é se perder ou, quando pior, se congelar na forma e na repetição – que traz consigo, inevitavelmente, um cansaço e pouca energia para uma execução plena.

O olhar do espectador é que renova a cena, como nos ensina a professora Eleonora Fabião. Sendo o espetáculo um fenômeno móvel, transitório e efêmero estará sempre aberto para novos e curiosos olhares. Foi, assim, que se deu naquela tarde: público formado por variadas idades, crenças, ideologias, etnias, gêneros. Essa comunidade parecia pertencer àquele trabalho, inclusive, cantava junto com os artistas algumas das canções.

O Vale Encantado é um trabalho inspirado nas mestras e mestres das culturas tradicionais e vai além: trata-se, como é incomum no teatro, de um trabalho que fala das questões do meio ambiente, portanto, se presta a fornecer à audiência, uma certa conscientização daquilo que se veicula em cena como sendo um ponto importante para praticarmos enquanto seres constituintes desse ecossistema. Méritos da peça, que dialoga diretamente com um projeto maior, que são os próprios propósitos do grupo.

Destaca-se, também, a presença na ficha técnica, de muitos trabalhadores e trabalhadoras da cena. Nomina-los é sempre importante: Jacqueline Baumgratz, Celso Pan, Almir Luz, Luci Ferreira, Moah Baumgratz, Celso Dyer, Cris MCPOL e Neusa Tino – juntos, contam uma história cheia de muita fantasia e interatividade com o público. Este, por fim, se envolve e é envolvido por ritmos e sonoridades regionais – marcas

de uma identidade que são sempre importantes de se re-conhecer em
cena.

Vida longa ao espetáculo! Que venham mais trinta anos! Parabéns, Bola
de Meia!